

# ■ Os Zapatistas e a teia eletrônica da luta<sup>1</sup>

Harry Cleaver

## Resumo

No sentido estrito de conflito militar tradicional, a revolta zapatista está confinada a uma zona limitada, no estado sulista de Chiapas. Todavia, em função da habilidade de estender seu alcance político através das modernas redes de computadores, os zapatistas teceram um novo sistema de luta, para levar sua revolução por todo o México e ao redor do mundo.

Inicialmente, o governo mexicano tentou restringir o movimento às florestas de Chiapas, tanto através da repressão militar quanto impondo limites à cobertura por parte da imprensa (a maioria da população mexicana assiste à Televisa, estação de TV controlada pelo governo). Falharam os esforços. Os zapatistas conseguiram romper a tentativa do governo de isolá-los e conseguiram levar a outros suas idéias e seu programa para uma revolução econômica e política. Primeiro, através de comunicados escritos e entrevistas pessoais com jornalistas independentes contactados ao redor do mundo via fax e e-mail, depois através de reportagens mais detalhadas feitas por observadores mexicanos e estrangeiros, veiculadas do mesmo modo. Na medida em que um grande número de mexicanos respondeu com simpatia e se mobilizou para apoiá-la, a revolta de Chiapas incentivou um movimento mais geral pró-democracia e contra o sistema centralizado e corrupto da economia e da política mexicana. Inspirando outros, fora do México, a revolta zapatista pôs em movimento uma nova onda de esperança e energia entre aqueles que, em todo o mundo, estão engajados na luta pela liberdade.

<sup>1</sup> Esse artigo foi adaptado do esboço de um capítulo a ser publicado por John Holloway(ed.), *The Chiapas Uprising and the Future of Revolution in the Twenty-First Century*. O livro consistirá de uma coleção de novos artigos, a maioria deles de autoria de estudiosos e analistas políticos mexicanos. A versão em inglês está disponível on-line ([gopher://Mundo.eco.utexas.edu:70/11fac/hmcleave/Cleaver%20Papers](http://gopher://Mundo.eco.utexas.edu:70/11fac/hmcleave/Cleaver%20Papers)).

Apesar da derrota inicial, um aspecto-chave da luta do governo contra os zapatistas (tanto no México, quanto em qualquer outro lugar) tem sido o esforço contínuo para isolá-los, para que possam ser destruídos ou forçados a aceitar cooptação. Por sua vez, os zapatistas e seus seguidores vêm lutando para manter e elaborar suas alianças políticas pelo mundo. Tem sido uma guerra de palavras, imagens, imaginação e organização, na qual os zapatistas vêm tendo um sucesso surpreendente.

Vital para a continuidade dessa luta tem sido a utilização pró-zapatista das comunicações por computador<sup>2</sup>. Enquanto o governo efetivamente limitou a cobertura da mídia e as discussões a sério das idéias zapatistas, seus seguidores foram capazes, a um nível impressionante, de driblar e compensar esse bloqueio através do uso das redes eletrônicas em conjunção com as mais conhecidas táticas dos movimentos de solidariedade: palestras, artigos na imprensa alternativa, demonstrações públicas, ocupação dos consulados mexicanos, e assim por diante. Com o tempo, o governo e seus estrategistas tornaram-se conscientes da eficácia desse tipo de luta e começaram a tomar providências no sentido de contra-atacar. Agora, os dois lados estão ativos na dimensão ciberespacial de uma guerra que ultrapassou Chiapas, e atravessou o México e o mundo. A maneira como essas redes de comunicação têm sido utilizadas dentro da estrutura maior da luta merece uma atenção cuidadosa por parte daqueles que lutam por uma sociedade democrática e mais livre. As medidas, agora levadas a cabo pelo governo mexicano para contra-atacar, também precisam ser entendidas, para que se possa lidar com elas efetivamente. A descrição e análise dessa nova dimensão de revolução e contra-revolução são os objetos desse artigo.

<sup>2</sup> As comunicações por computador são apenas um dos aspectos do uso sofisticado de várias formas de tecnologia eletrônica. O movimento de solidariedade zapatista também provou ser perito na rápida produção e circulação de vídeos, na origem e compilação de entrevistas e músicas pró-zapatistas em fitas e CD Rom e no uso do rádio (legal e pirata) e da TV de acesso comunitário para flanquear a cobertura insuficiente e distorcida da mídia principal.

## Os zapatistas e a teia eletrônica da luta

Quando os zapatistas surgiram, de repente, em San Cristobal de las Casas e em diversas outras cidades de Chiapas, nas primeiras horas do dia 1º de janeiro de 1994, trouxeram com eles uma declaração de guerra impressa contra o governo mexicano e pela liberação do povo de Chiapas e do México. A notícia dessa declaração foi veiculada através do telefonema de um estudante para a CNN, e aí, com a chegada dos jornalistas para investigar, saíram relatórios através dos serviços de cabo, reportagens jornalísticas e difusão pelas rádios e TVs do mundo inteiro. Na maioria das vezes, porém, leitores e espectadores de tais reportagens viam e ouviam apenas extratos da declaração de guerra zapatista. Nunca viram a declaração inteira, com todos os seus argumentos e explicações para o que, é óbvio, eram ações dramaticamente surpreendentes e audaciosas. À exceção do jornal diário da Cidade do México, *La Jornada*, só obtinham o que os editores queriam, de acordo com suas próprias tendências.

Quando o governo mexicano despejou um contingente de 15.000 soldados em Chiapas e a luta se agigantou, esse tipo de reportagem continuou. Mesmo depois do cessar-fogo, quando a ênfase da ofensiva zapatista mudou das armas para as palavras, a mídia recusou-se, de forma compacta, a reproduzir os contundentes e, com freqüência, eloqüentes comunicados e textos enviados pelo EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional). Com a distribuição do *La Jornada* - que continuava a publicar na íntegra o material zapatista - extremamente limitada, especialmente fora da Cidade do México, essa recusa da mídia internacional significou um bloqueio sério à possibilidade dos zapatistas de divulgar sua mensagem.

Para aqueles que, no México, leram as mensagens e as consideravam acuradas e inspiradoras, esse bloqueio era uma situação intolerável a ser vencida para construir o apoio ao movimento zapatista e pôr um fim à repressão governista. O que fizeram foi muito simples: digitavam ou decompunham os comunicados e textos reformatando-os e os enviavam pela Net para audiências potencialmente receptivas em todo o mundo. Essas audiências incluíam, primeiramente, *newsgroups da Usenet*, associações da *Peacenet* e listas da

Internet, cujos membros já se preocupavam com a vida social e política do México. Em segundo lugar, os grupos humanitários preocupados com os direitos humanos, em geral; em terceiro, as redes dos povos indígenas e seus simpatizantes; em quarto lugar, as regiões políticas do ciberespaço com probabilidade de incluir membros simpatizantes das revoltas de base em geral; e em quinto, as redes feministas que responderiam, com solidariedade, contra o estupro de mulheres nativas pelos soldados mexicanos ou para a Lei Revolucionária das Mulheres do EZLN, redigida por mulheres, para as mulheres, a partir de e contra a tradicional sociedade patriarcal. Seguidamente, leitores amáveis e receptivos reenviavam as mensagens para outros lugares, às vezes até traduzindo os documentos do espanhol para o inglês, e para outras línguas. Dessa forma, as palavras dos zapatistas e as mensagens de suas comunidades foram divulgadas, a partir de umas poucas vias de saída, para quase todo o ciberespaço.

Na medida em que observadores jornalísticos, humanitários, religiosos e indianistas visitavam a zona do conflito em Chiapas e escreviam a respeito do que encontravam, seus relatos - freqüentemente constrangedores para o governo mexicano e seus seguidores, por confirmarem as declarações dos zapatistas - foram veiculados através das mesmas redes de computadores fornecendo material vital para a crescente rede de organizações solidárias. Quando grupos de base se reuniram sob o comando dos zapatistas no início de agosto de 1994, na nova Aguacalientes entalhada na floresta, para formar a Convenção Nacional Democrática, e posteriormente em San Cristobal, Chiapas (11-13 de outubro de 1994), Tuxtla Gutierrez, Chiapas (4-6 de novembro de 1994) e Queretaro (1-5 de fevereiro de 1995), os discursos, os relatos e documentos da Convenção foram divulgados na Net. Muito desse material merece ser etiquetado com o termo usado pelos militantes italianos: *contro-informazione* (contra-informação) em oposição às declarações oficiais dos governos e da mídia.

Na medida em que cresceu o número de pessoas envolvidas nesses processos de inserir dados (*uploading*), de reenviar, traduzir etc., também cresceu sua auto-organização. O que começou como, e até certo ponto ainda é, um conjunto interligado de ações espontâneas, tornou-se mais organizado. Em

algumas listas, por exemplo, surgiu uma divisão de trabalho cooperativa, onde doze ou mais pessoas responsabilizam-se individualmente em digitar e reenviar material relevante de fontes particulares para um único *site* no ciberespaço<sup>3</sup>. Desse modo, as habilidades e recursos de muitos indivíduos e sistemas de computadores separados são conectados de modo a beneficiar qualquer um que digite o *pool* de informações. Em outros casos, o melhor material de diversos *pools* é reenviado para aqueles que precisam da informação mas não têm tempo para pesquisar nem mesmo um número reduzido de *sites*<sup>4</sup>. O resultado de tal cooperação é que o trabalho de selecionar na Net foi drasticamente reduzido para a grande maioria daqueles que precisam e usam informações a respeito das lutas no México, para fins de mobilização e solidariedade.

Tal cooperação também tornou possível cristalizar um pouco desse fluxo contínuo de informação em novos e híbridos produtos eletrônicos. Um deles é o livro eletrônico *Zapatistas! Documents of the New Mexican Revolution* que foi composto por um grupo coordenado de correios eletrônicos (e-mail) traduzindo o material amplamente coletado na Net. Embora esse livro eletrônico, sem direitos autorais, tenha sido subseqüentemente publicado em cópia rígida, tornou-se acessível, pela primeira vez, e continua a sê-lo em sua totalidade, na Net<sup>5</sup>. Uma segunda colaboração desse tipo está, no momento, a caminho de se tornar a tradução eletrônica para o inglês da única coletânea de material sobre as atividades e a maneira de pensar das mulheres de Chiapas, desde que a revolta começou<sup>6</sup>. Um terceiro esforço coletivo é a feitura de um

<sup>3</sup> Essa é a situação com o grupo cujos membros constituem a MexNews e coletam material para enviar para Chiapas-1 e Mexico2000 na Internet. Informação sobre a MexNews pode ser obtida de seu coordenador Jose A. Briones na: brioneja@town.apci.com

<sup>4</sup> Assim é Chiapas95 que é gerenciada pela Accion Zapatista de Austin (Texas). Informação sobre Chiapas95 e o acesso a seus arquivos pode ser encontrado no gopher eco.utexas.edu:80/homepages/Faculty/Cleaver/chiapas95.html

<sup>5</sup> A versão eletrônica pode ser encontrada em :

gopher://lanic.utexas.edu:70/11/1a/Mexico/Zapatistas/A subseqüente versão de cópia rígida foi publicada com o mesmo título por Autonomedia em Brooklin, Nova York, em 1994. (ISBN: 1-57027-014-7).

<sup>6</sup> Rosa Ojas (ed.), *Chiapas, y Las Mujeres Que?* México: Ediciones La Correa Feminista, 1994.

CD multimídia sobre os zapatistas que retira da Net boa parte do material para os textos e muitas imagens, combinando-as com música e vídeo e outros materiais recentemente criados. O pacote de informação resultante é organizado de forma a permitir uma exploração da extensão livre de quase um bilhão de *bytes* de informação acerca da revolta zapatista, seus antecedentes e seus efeitos<sup>7</sup>.

Por causa de todo esse processo, a divulgação de material e relatos sobre os zapatistas por observadores independentes, na Net, foi acompanhada de um reenviar sistematicamente crescente de histórias da mídia. E enquanto esta vem ignorando amplamente a Net como fonte de informação e compreensão sobre o que vem acontecendo em Chiapas, o inverso não tem acontecido.

Ao contrário, apesar da óbvia tendenciosidade e das lacunas em tais relatos, o material circulante na Net informalmente adotou a prática de enviar **tudo** o que estiver disponível. Como resultado, os que digitaram a Net para se organizar acerca dos assuntos da luta zapatista, e do movimento pela democracia no México, de um modo geral, estão muito mais bem informados e muito mais aptos a formar pronunciamentos críticos sobre qualquer evento ocorrido do que os consumidores de uma amostragem limitada da mídia. Enquanto leitores eventuais podem ter acesso a uma única história no jornal local (com frequência comprada do *New York Times* e do *Washington Post*), os assinantes de associações ou listas relevantes receberão, em qualquer lugar, duas, três ou até mais de uma dúzia, tanto da mídia quanto de fontes não publicadas. Boas histórias por repórteres independentes, como as escritas por John Ross para o *Anderson Valley Advertiser*, de pequena circulação, estão tão acessíveis quanto as dos repórteres do *New York Times*, Tim Golden e Anthony DePalma. Relatórios dos grupos de Direitos Humanos, tanto locais como os do Centro de Derechos Humanos Fray Bartolomeo de Las Casas, quanto internacionais, como os do Human Rights Watch, que de outra forma seriam totalmente obscuros, tornaram-se tão disponíveis quanto a propaganda dos governos mexicano e americano.

Além desse acesso às mais diversas e críticas fontes de informação, as várias associações e listas no ciberespaço têm, em geral, arquivado todo esse

<sup>7</sup> Para informação sobre esse projeto, cujo CD deverá estar disponível comercialmente em 1996, contatar: Tamara Ford em [tamara@home.actlab.utexas.edu](mailto:tamara@home.actlab.utexas.edu)

material, tornando-o permanentemente disponível para referência e estudo. Enquanto uma única história num jornal local, nacional ou numa revista, geralmente desaparece em muito pouco tempo no lixo ou no depósito de reciclagem, os arquivos do *reg.mexico* ou Chiapas 95 podem ser acessados pela Net, fácil e eficientemente. Enquanto no correr da maior parte desse século, os velhos jornais ou relatos publicados tinham que ser diligentemente desenterrados de dentro dos arquivos de microfimes ou das bibliotecas, por umas poucas pessoas dedicadas que arranjavam tempo, esse material é mantido disponível - para leitura, *downloading* (inserção de dados) ou *forwarding* (encaminhamento de dados) via umas poucas teclas digitadas. Tais arquivos foram de um modo geral estocados de forma a serem facilmente transferíveis nos sites FTP (protocolo de transferência de arquivo da Internet) e *golpher*. Como os navegadores da World Wide Web, tais como Mosaic e Netscape, se tornaram mais facilmente disponíveis, foi criada uma variedade de *home pages*, facilitando a interface com o material arquivado. Essas páginas da Web são, não apenas mais coloridas - contendo com freqüência fotografias e outras imagens mas sua programação de hipertexto faz o movimento entre elas maravilhosamente rápido e fácil, através de um clique no botão do *mouse*<sup>8</sup>.

Toda essa completa e rápida circulação de notícias e relatos de observação da situação de Chiapas levou, rapidamente, a avaliações analíticas e críticas das origens e significado da revolta zapatista. Aqui também o ciberespaço promoveu fóruns para discussão e debates informais. Juntamente com peças editoriais da imprensa ou mídia correta, surgiram questões e opiniões de uma vasta gama de participantes preocupados. Diferente das “cartas ao editor”, cada um desses comentários e respectivo *feedback* apareciam eletronicamente impressos, não dias depois, mas horas e até minutos depois de uma história original ou de um debate. A resposta repressiva do governo, com tortura e matança, foi sujeita a uma ampla condenação, e debilmente defendida, quase sempre com mentiras que eram rapidamente desmascaradas. Diferente

<sup>8</sup> Bons exemplos de tais páginas da Web são a home page da EZLN, que contém grande variedade de material do e sobre o EZLN (<http://www.peak.org/~justin/ezln/ezln.html>) e a *homepage* da Accion Zapatista (<http://www.utexas.edu/ftp/student/navè/>).

das retratações editoriais ou governamentais que podem ser enterradas num canto obscuro do jornal, o desmascarar da mentira no contínuo encadeamento da discussão no ciberespaço emerge bem de frente onde todos podem vê-la. Dentro desse contexto de debate aberto, os zapatistas foram condenados por alguns e louvados por muitos, repudiados pelos que fazem a apologia do Estado e tratados com grande seriedade pelos que estudavam seus comunicados. As insensatas acusações de terrorismo (ecos da propaganda estatal) foram dissecadas e demolidas diante do público.

A princípio, os assuntos mais prementes referiam-se à guerra armada. A mobilização de massa para acabar com a repressão militar do Estado e forçar a retirada do exército mexicano foi organizada com base na repulsa gerada pelos relatos detalhados do caráter sangrento da repressão. Informações foram transferidas da Net, coletadas de outras fontes e transformadas em volantes, panfletos, circulares, artigos e, eventualmente, livros, detalhando a tortura, os estupros, as execuções sumárias e outras violências perpetradas pelos militares, pelas várias forças policiais e pelos “guardas brancos” particulares, capangas pagos pelos fazendeiros. Tal material moveu a organização de passeatas na Cidade do México, em São Francisco, Nova York e em outras cidades do mundo. Acenderam-se paixões que levaram pessoas a vigílias à luz de velas, a escrever cartas e a fazer campanha via fax, a invasões dos consulados mexicanos e a outras formas de protesto. A história dessas ações (frequentemente ignoradas pela mídia) foram então transferidas para a Net e à medida em que os relatos se multiplicavam, encorajavam os militantes locais que podiam ver seus próprios esforços como parte de um movimento maior. Considerado em conjunto, esse explosivo movimento de solidariedade certamente forçou o governo à retirada da solução militar e à negociação com os zapatistas. Isso ocorreu entre janeiro e fevereiro de 1994, mas um ano depois, de fevereiro a março de 1995, rompendo unilateralmente as relações com o EZLN, o governo Zerillo novamente recorreu à violência militar.

Durante os meses que separaram esses eventos dramáticos, as questões levantadas pelos zapatistas - NAFTA, pobreza, direitos da terra, justiça, exploração, preservação ambiental, direitos das mulheres, democracia e assim por diante - tendiam a tornar-se, cada vez mais, matéria de discussão.

Assuntos como a democratização do sistema político mexicano, o que inicialmente era rejeitado como fantasia, tornaram-se - por conta dos numerosos encontros políticos, inclusive eventos nacionais tais como a Convenção Nacional Democrática (CND) - tão centrais ao discurso público que chegaram a ponto de dominar a política mexicana para total desânimo do muito anti-democrático PRI, o partido no poder. Um movimento pró-democracia desenvolveu o poder de forçar uma reforma, quando não uma revisão total, do antigo sistema eleitoral. Diante da empolgação popular acionada pela visão zapatista de um sistema aberto de democracia, não mais monopolizado por partidos políticos profissionais e reconhecendo a autonomia de grupos étnicos indígenas, o PRI (tão dividido internamente a ponto de assassinar seus próprios líderes) começou a ceder terreno.

À medida em que se tornava mais evidente o duplo fenômeno - um movimento pró-democracia rapidamente crescente e um partido governamental cada vez mais instável e desesperado - desenvolveu-se, nas pessoas, o sentimento de que as coisas poderiam mudar de forma significativa no México. Enquanto a proliferação de fontes de informação, análise e debate fornecia o sentido de preocupação e organização coletiva, necessárias para formas comprometidas de ação, um número crescente de caravanas e observadores deslocava-se para Chiapas, menos para entender o que estava acontecendo e muito mais para refrear os abusos do Estado. Foram para levar ajuda e solidariedade aos que estavam sofrendo as brutalidades da estratégia contra-revolucionária do Estado, chamada guerra de baixa intensidade, isto é, uma campanha generalizada de terror contra todos os que fossem vistos como favoráveis ao EZLN e a mudanças radicais. Por sua vez, a inovação política em Chiapas - desde a CND, através da formação de um Governo Rebelde de Transição, às chamadas do EZLN para um Movimento de Liberação de bases amplas e para um plebiscito geral - vem circulando por todo o México e para além de suas fronteiras.

As conseqüências para os negócios, para o Estado e para as classes dominantes, em geral, tem sido uma contínua crise de "governabilidade", em que virtualmente todo o mecanismo histórico de dominação está sendo desafiado e rompido, a partir de baixo. A velha combinação de repressão e cooptação não tem funcionado e as tradicionais coalizões da elite estão se cindindo. O

PRI tem tido que aceitar as reformas eleitorais, ceder governos de estados para o partido de oposição, Partido Acción Nacional (PAN), tolerar denúncias públicas de sua própria comissão de direitos humanos, sofrer repetidamente a exposição da corrupção maciça do Estado, enquanto vê o centro de gravidade do debate político público e da ação mudar para grupos radicais como o EZLN ou para grupos moderados como a Alianza Civica. Desesperada diante de tantas crises, a fragmentária aliança governamental reagiu com sua habitual violência - repressão militar em Chiapas, repressão da polícia federal por todo lado. Ao mesmo tempo, infelizmente, não entrou em colapso e não lhe faltam recursos - tanto financeiros quanto humanos - mesmo *in extremis*. Como resultado, estamos assistindo a novos esforços de reação, em várias frentes, inclusive na do ciberespaço.

### **Os contra-ataques capitalistas contra a apropriação do ciberespaço**

A resposta capitalista à apropriação autônoma do ciberespaço tem tido vários lados. Para começar, tem havido um crescente monitorar, reportar e analisar o nosso uso do ciberespaço, de modo a ilegítimizá-lo e informar as contra-estratégias. Em fevereiro de 95, por exemplo, houve diversas histórias da mídia na Net para divulgar o ataque do governo mexicano aos zapatistas e mobilizar a oposição. Outro exemplo, o *Washington Post*, a *Newsweek* e a TV Globo exibiram histórias originais sobre a nova luta de guerrilha *high-tech*<sup>9</sup>. Tais reportagens, freqüentemente tendenciosas, tiveram efeitos contraditórios. Fez tanto os inimigos quanto amigos do movimento de solidariedade zapatista mais conscientes do que está se passando, estimulando tanto mais oposição quanto mais apoio.

Mais discretamente, pesquisadores em universidades e assessores

<sup>9</sup>Tod Robberson, "Mexican Rebels Using a High-Tech Weapon:Internet Helps Rally-Support" in: *Washington Post*, 20 de fevereiro, 1995, pg. A1. Russell Watson et al, "When the words are the Best Weapon.Revolution: Information can undermine dictatorships, and the faster it flows, the more trouble they're in. How Rebels use the Internet and Satellite TV" in: *Newsweek*, 27 de fevereiro, 1995, pp 36-40. Reportagem da TV Globo, domingo, 26 de fevereiro de 1995; re-exibida pela CNN no seu World Report do fim-de-semana, naquele mesmo dia.

especializados têm dado muito mais atenção e percebido sérias ameaças à ordem política vigente. Antes mesmo que o papel da Internet na luta zapatista fosse reconhecido, os analistas já começavam a chamar atenção dos orientadores da política para o uso das comunicações eletrônicas por parte das organizações de base. Um relatório amplamente citado foi o de Sheldon Annis (1991), *Giving Voice to the Poor*, publicado na *Foreign Policy*, uma revista americana de influência na referida área. Annis forneceu detalhes de como a utilização da Net, pelas organizações de base, estava dando poder e encorajando os pobres e minando o controle da informação por parte da elite. Generosamente, embora talvez com certa ingenuidade, ele recomendava às instituições estatais, como aos governos locais e ao Banco Mundial, que tomassem providências no sentido de aumentar os fluxos de informação para dar assistência ao fortalecimento político dos pobres e aos processos de democratização<sup>10</sup>.

No verão daquele mesmo ano, Cathryn Thorup, então diretora dos Estudos e Programas do Centro de Estudos Americanos e Mexicanos da Universidade da Califórnia, San Diego, publicou uma avaliação sobre as coalizões além-fronteira no *Columbia Journal of World Business*<sup>11</sup>. Focalizou primeiramente as ações e o impacto da rede Anti-NAFTA. Traçou o desenvolvimento da oposição e da influência contra o aqodamento da abordagem governamental ao puxar o projeto da NAFTA no Congresso, e também o empenho das elites em dividir e conquistar aquela oposição. Enquanto considerava o debate saudável para ambas as sociedades (americana e mexicana) também chamou atenção para a tremenda vulnerabilidade do Estado diante de tal organização e discutia como os orientadores da política poderiam tentar converter tais oponentes em valiosos aliados políticos, consultando-os e dando as cartas. Sua visão de como os orientadores da política estatal poderiam fazer frente à emergência dessas nefastas novas redes de notícias parece se basear tão somente na tradição do pluralismo, isto é, a de integrar e cooptar as novas forças em um sistema de governo ligeiramente modificado.

<sup>10</sup> Sheldon Annis, "Giving Voice to the Poor" in: *Foreign Policy*, nº 84, outono de 1991, pp 93-106.

<sup>11</sup> Cathryn L. Thorup, "The Politics of Free Trade and the Dynamics of Cross-border Coalitions in U.S.-Mexican Relations" in: *Columbia Journal of World Business*, Vol. XXVI, nº 11, verão de 1991, pp.12-26.

Em um trabalho mais recente, escrito para o RAND, Thorup analisou o desenvolvimento da estruturação das ONGs americana e mexicana em torno da imigração em San Diego - área de fronteira de Tijuana e sua interação com os governos dos Estados Unidos e mexicano<sup>12</sup>. Aqui, novamente, explora tanto a ameaça dos Wild Cards das organizações de base para a atividade política das elites, quanto também as possibilidades de colocar rédeas nas atividades das ONGs. “Ambos os governos (EUA & México) verão que é necessário complementar os esforços para cultivar e nutrir suas relações oficiais, com um empenho mais vigoroso, para comunicações diretas com um grande número de agentes não-governamentais em ambos os países<sup>13</sup>”. Cita um exemplo do sucesso do governo mexicano em subjugar a autoridade moral de ONGs para usá-las como mediadoras entre o próprio governo e os imigrantes que são temerosos das entidades governamentais<sup>14</sup>. Mostra como tais esforços “permitem ao governo mexicano demonstrar sua preocupação com a situação de seus cidadãos nos Estados Unidos e, de passagem, fazer ganhos políticos com os latinos de primeira, segunda e terceira geração que vivem nos Estados Unidos.” Fortalecer o apoio por parte das comunidades mexicanas do outro lado da fronteira é certamente importante para o estado mexicano em crise, muito consciente de que tais comunidades foram os primeiros locais de mobilização em apoio aos zapatistas

Uma das mais cuidadosas análises, dentre essas que surgiram até agora, foi a dos analistas de segurança nacional John Arquilla e David Ronfeldt, que trabalham na RAND Corp.<sup>15</sup>. Em 1993, num relatório intitulado *CyberWar Is Coming!*, formularam dois conceitos relacionados: ciberguerra e netguerra - em ambos, o papel da informação é central e crítico. O primeiro

<sup>12</sup> Cathryn Thorup, “Redefining Governance in North America: The Impact of Cross-Border Networks and Coalitions on Mexican Immigration into the United States” in: *RAND*, DRU-219-FF, março de 1993. O ensaio pode ser solicitado à RAND através de seu *website* («[hyperlink http://www.rand.org/](http://www.rand.org/)»).

<sup>13</sup> *Ibid.*, p.8.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 53.

<sup>15</sup> John Arquilla e David Ronfeldt, *Cyberwar Is Coming!*(<http://gopher.well.sf.ca.us:700/Military/cyberwar>) Publicado originalmente em *Comparative Strategy*, vol. 12, nº 2, 1993, pp. 141-165.

refere-se a fazer guerra militar, enquanto o último refere-se a conflitos ideacionais de nivelamento social promovidos, em parte, pelos métodos internetados de comunicação, mais freqüentemente associados a conflitos de baixa intensidade. Seus exemplos de ciberguerra vão desde os mongóis até a Guerra do Golfo. Um de seus primeiros exemplos de netguerra é de como os movimentos de defesa estão, de maneira crescente, se organizando em redes e coalizões além-fronteira, identificando-se mais com o desenvolvimento da sociedade civil (inclusive a sociedade civil global) do que com os estados-nações, e usando informação avançada e tecnologias de comunicações para reforçar suas atividades. Enquanto Arquilla e Ronfeldt citam movimentos voltados para a questão ambiental, direitos humanos e assuntos religiosos, o movimento pró-zapatista é, claramente, um outro exemplo do tipo de atividade para a qual estão voltados. Em sua discussão, o outro lado de tal netguerra é o Estado, e suas tradicionais instituições hierárquicas de governo. Com seus escritos, dirigidos primeiramente ao governo dos Estados Unidos - com o qual, claramente, se identificam -, previnem que novas formas de combate devem ser desenvolvidas, apropriadas para essa nova arena do poder<sup>16</sup>.

Arquilla e Ronfeldt defendem o uso que fazem de termos como ciberguerra e ciberespaço, lembrando que a raiz grega *kybernan* significa dirigir ou governar. Gostam desse prefixo porque une os campos da informação e governança, melhor que qualquer outro prefixo ou termo. Seu discurso sobre ameaças ao poder institucional, especialmente ao dos estados, conseqüentemente, se enquadra num discurso mais antigo sobre os problemas contemporâneos da governabilidade<sup>17</sup>.

O termo governabilidade foi amplamente discutido nos primórdios do Relatório da Comissão Trilaterall sobre *The Crisis of Democracy: Report on*

<sup>16</sup> A identificação de Arquilla e Ronfeldt com o governo americano é evidente, direta e indiretamente. No ensaio inteiro, há preocupação de como o governo pode fazer frente a todas as ameaças, desde as ostensivamente militares a desafios informacionais mais sutis.

<sup>17</sup> Há uma certa ironia em sua lógica, na medida em que a atual popularidade do termo ciberespaço deriva, não de sua raiz grega, mas dos ciber-romances *punk* de William Gibson, que retratam o futuro da governança através do controle de informação, feito da maneira mais triste possível.

*the Governability of Democracies* (A Crise da Democracia: Relatório sobre a Governabilidade das Democracias), publicado em 1975. O controvertido relatório localizou as raízes das crises econômica e política dos anos 70 nos métodos dos movimentos de base do final da década de 60 e início da de 70, que haviam gerado um excesso de democracia, e seus autores preconizavam a restauração da balança em favor da governança das elites. O tema voltou à tona no México, no alvorecer da revolta zapatista e antes da eleição presidencial de agosto de 1974, com um vasto número de analistas políticos e assessores especializados preocupados com o possível colapso do partido do governo, o PRI.

Enquanto o fantasma da ingovernabilidade assombra os orientadores da política capitalista, muitos de nós lutamos exatamente para isso: tornar impossível para os que iriam governar, poder fazê-lo, e abrir espaço para uma nova distribuição de papéis na democracia, na qual não haja governantes nem governados, antes, auto-determinação. Quando Joel Simon do Pacific News Service relatou os pontos de vista de Arquilla e Ronsfeldt, o trabalho deles foi divulgado e provocou considerável discussão. O quanto o relatório deles influenciou os estrategistas da segurança nacional é difícil dizer, mas conseguiu promover uma auto-reflexão e uma avaliação entre aqueles contra os quais prevenia<sup>18</sup>.

O pensar sobre a emergência de desafios cibernéticos à governabilidade também traçou o conceito atualmente popular de sociedade civil, para ponderar o quanto tais ameaças podem ser domesticadas e integradas. Nessas formulações, sociedade civil é concebida como aquela parte da sociedade que não é dominada nem pelo governo, nem pelo mercado financeiro e é, frequentemente, melhor representada por Organizações Não-Governamentais (ONGs); direitos humanos, ambientalistas, consumidores e grupos de mulheres. Num recente ensaio RAND, disponível através do *site* Web da RAND, Cathryn Thorup e David Ronfeldt colaboraram para promover um esboço dos problemas de integrar as redes cada vez mais poderosas da sociedade civil,

<sup>18</sup> Michel J. Crozier, Samuel P. Huntington e Jogi Watanuki, *The Crisis of Democracy; Report on The Governability of Democracies*, Nova York: New York University Press, 1975.

num equilíbrio viável com o Estado (hierarquia) e o comércio (mercado). Para aqueles cuja compreensão da democracia vê o Estado e o comércio como obstáculos básicos para sua realização, tal conceituação pode apenas levar a fórmulas para cooptação, neutralização e derrota<sup>19</sup>.

Num outro setor da RAND, ainda mais proximamente integrado aos militares americanos, os analistas incorporaram as preocupações da netguerra de Arquilla e Ronfeldt num modelo de jogo de guerra. Um jogo de guerra chamado *The Day After... in Cyberspace*, que inclui atividades de uma ONGs fictícia denominada Comitê para a Paz Planetária, uma Internet intensiva e um grupo militar anti-americano com suspeitas ligações com iranianos fundamentalistas. No cenário do jogo, essa ONGs é apresentada como mobilizando todos os seus componentes para impedir o “ímpeto louco” dos americanos para a guerra<sup>20</sup>. As semelhanças com os esforços pró-zapatistas e a anti-guerra para bloquear as ações militares do governo mexicano, em Chiapas, são contundentes.

Do lado da indústria de informática, a atividade enganosa no ciberespaço tem provocado um renovado esforço para cercar tanto espaço quanto possível via comercialização e fazendo cumprir, através do Estado, os direitos de propriedade intelectual, como, por exemplo, atacando a pirataria do *software* ou a violação dos direitos autorais. Com o crescimento do uso comercial e governamental da Net, uma indústria embrionária de segurança operacional emergiu para criar e defender novos tipos de *arame farpado eletrônico* para cercar ciberespaços delimitados<sup>21</sup>. A infraestrutura da Net passou a ser controlada pelo capital privado, por exemplo, Sprintlink, MCI, e não mais por insti-

<sup>19</sup> Parte desse debate pode ser encontrado nos arquivos da Chiapas-1 em <http://profmexis.dgsca.unam.mx:70/11/foros/chiapas1>. Minha própria contribuição foi remetida em 30 de março de 1995 como Cyberspace e Ingovernabilidade para Chiapas95, e pode ser encontrada em seus arquivos.

<sup>20</sup> A RAND Corporation *web site* pode ser encontrada em: <http://www.rand.org/> Veja também: Howard Frederick, *Computer Networks and the Emergence of Global Civil Society*, em Linda M. Harasin (ed), *Global Networks; Computers and International Communication*, Cambridge: MIT Press, 1993.

<sup>21</sup> Mark, “If War Comes Home: A Strategic Exercise Stimulates and Info Attack on the U.S. and Al...” in: *Time*, 21 de agosto de 1995, pp.44-46.

tuições públicas como a ARPA ou a National Science Foundation<sup>22</sup>. Atualmente, todo o acesso à Net é via uma entrada comercial. Instituições, tais como universidades, pagam taxas altas, pessoas físicas pagam taxas menores. As revistas de informática estão cheias de anúncios de companhias, tais como a America On-line, Prodigy, Delphi e agora Microsoft, oferecendo conexões com a Net a preços competitivos e cobrando taxas que variam dependendo dos serviços incluídos no acesso desejado.

No que diz respeito a Chiapas, especificamente, pelo menos dois de nós que somos ativistas na circulação da contra-informação recebemos, em separado, propostas lucrativas para vender, canalizando, nossa informação para investidores associados. As propostas vieram no rasto da crise do peso, em dezembro de 94, quando muitos investidores perderam dinheiro numa desvalorização sem precedentes e o governo atribuía aos zapatistas o tê-la acionado. As propostas, feitas pelo editor de uma importante revista de negócios, eram no sentido de fornecermos informações relevantes de fontes alternativas que poderiam ser vendidas a capitalistas ansiosos por uma visão panorâmica, de modo a poder evitar tais crises e perdas inesperadas. Vocês podem “ficar ricos”, disse ele e, é claro, poderíamos fazer o que quiséssemos com o dinheiro como, por exemplo, apoiar os zapatistas. Esse editor empresarial previa a eventual generalização desse serviço de informação sobre o México, para outros países da América Latina e além.

Do lado do Estado, além de apoiar os direitos legais de propriedade de sociedades privadas, os governos atacaram logo os *hackers* que ousavam invadir os seus próprios territórios, como, por exemplo, os sistemas de computadores das forças armadas. Os casos mais conhecidos nos Estados Unidos, prisões de *hackers* e apreensão de equipamentos efetuadas pelo FBI, tiveram boa publicidade. Estratégia do terror: processar uns poucos para intimidar os outros<sup>23</sup>.

<sup>22</sup> Veja Daniel Brandt, “Infowar and Disinformation: From the Pentagon to the Net” in: *Namebase Newslines*, nº 11, outubro-dezembro 1995.

(golpher://ursula.blythe.org/00/pub/NameBase/newslines.11)

<sup>23</sup> Glenn Fleishman, “The Experiment is Over”, inserido no Mexico94 em 4 de maio de 1995. Fleishman é presidente da Point of Presence Company, uma provedora de presença na Internet.

Desde então o Estado tem estendido sua repressão aos que usam a Net para desafiar a hegemonia política, acusando os outros de seus próprios crimes, como terrorismo. Um bom exemplo foi o ataque do Grupo dos Carabinieri de Operações Especiais Anti-Crime, em março de 95, contra a BBS italiana BITS contra o Império, cujos membros foram acusados de associação subversiva com a finalidade de subverter a ordem democrática<sup>24</sup>. O Omnibus Counterterrorism Act of 1995, submetido ao Congresso depois das bombas de Oklahoma, ameaça facilitar essas táticas repressivas nos Estados Unidos. Na primavera de 95, a passagem pela Câmara do The Communication Decency Act of 1995, para delegar à FCC a censura da produção e circulação da pornografia, ameaça prover o Estado com um instrumento de abertura para a repressão legal. Alternativamente, uma legislação anti-FCC (the Cox/Wyden Internet Freedom and Family Empowerment Act) passou no Senado em agosto. Os dois projetos seriam apreciados por comissões da Câmara e do Senado, no outono de 95. Como e se tal censura poderá ser transformada em lei, ainda é uma questão muito em aberto. A batalha contra a passagem da legislação no Senado envolveu ampla mobilização por toda a Net, por parte daqueles que viram sua liberdade de expressão ameaçada, mesmo que indiretamente<sup>25</sup>.

Livre de restrições legais em suas operações de além-mar, comenta-se que a CIA garantiu a invasão americana no Haiti através de luta *psy-ops* (Operações Psicológicas) via Internet. Como parte de um conjunto de ações mais amplo, buscou solapar a resistência à política americana, enviando “mensagens eletrônicas agourentas a alguns membros da oligarquia haitiana que dispunham de computadores pessoais”<sup>26</sup>.

No caso dos zapatistas, no México, é claro que o estado mexicano está perfeitamente ciente de como a Net está sendo usada para minar sua credibi-

<sup>24</sup> Bruce Sterling, *The Hacker Crackdown; Law and Disorder on The Electronic Frontier*, Nova York: Bantam Books, 1992.

<sup>25</sup> State Charges Italian Computer Bulletin Board with “Subversion”, European Counter Network, março de 1995. O estado italiano habituou-se a fazer tais acusações ridículas desde que adotou o anti-terrorismo, no final dos anos 70, para reprimir seus inimigos políticos. Outro exemplo de batidas policiais vem do outro lado do mundo.

<sup>26</sup> Para os antecedentes e atualização da luta contra essas propostas da censura veja a *homepage* do Center for Democracy and Technology em: <http://www.edt.org/cda.html>.

lidade e desafiar sua política. Isso tornou-se publicamente evidente quando José Angel Guru, Secretário de Estado mexicano, disse, numa reunião de homens de negócios no World Trade Center, em abril de 1995, que o conflito em Chiapas era uma “guerra de tinta, da palavra escrita e uma guerra da Internet”<sup>27</sup>. A maneira que o governo mexicano escolheu para combater essa guerra da Internet tornou-se um assunto altamente debatido na própria Net.

Tem havido afirmações de que o governo mexicano estaria adulterando as comunicações dos computadores e uma evidência bastante concreta dos esforços governamentais para criar uma contra-presença na Internet. Uma das acusações diz respeito à rede Profmexis caindo em momentos críticos, como nas eleições em agosto de 94, quando um levante era temido. Outra foi a interrupção das comunicações da oposição no congresso mexicano<sup>28</sup>. Todavia, em nenhum dos dois casos, nenhuma evidência significativa foi apresentada. As freqüentes interjeições de alguns comentaristas fanáticos anti-EZLN, em algumas listas da Internet, levantaram suspeitas de que são operadores do PRI, mas, até aí, a conjectura mais simples - de que são apenas colegas viajantes - parece mais razoável.

Um caso mais documentado envolveu membros da Canadian Security e do Intelligence Service que entrevistaram membros da Mexico Solidarity Network (MSN), supostamente como parte de uma investigação sobre a interferência de diplomatas mexicanos em assuntos canadenses. As organizações MSN, porém, acham que as entrevistas eram o produto da colaboração entre os serviços de inteligência canadense e mexicano, e seu objetivo real era o de intimidar os ativistas canadenses e os visitantes mexicanos, vindos para relatar os acontecimentos em seu país. O resultado de tais dúvidas sobre as intenções camufladas dos governos mexicano e canadense foram protestos e uma solicitação para uma comissão de inquérito<sup>29</sup>.

<sup>27</sup> Douglas Waller, “Cyber War: The U.S. Rushes to Turn Computers into Tomorrow’s Weapons of Destruction, But how Vulnerable is the Home Front?” in: *Time*, 21 de agosto de 1995, p. 40.

<sup>28</sup> Rodolfo Montes, “Chiapas es Guerra de Tinta e Internet” in: *Reforma*, 26 de abril de 1995 enviado para <http://www.infosel.com.mx> em 26 de abril de 1995.

<sup>29</sup> Veja a reportagem remetida para Chiapas1 pela Comissão Nacional da Democracia no México e sobre os protestos da Deputada Carlota Botey a respeito de interferência em seu e-mail (24 de fevereiro de 1995 sob o assunto: Sabotage in Internet).

Por outro lado, não pode haver dúvida de que o Estado mexicano tem ampliado sua presença explícita no ciberespaço tanto no México quanto no resto do mundo. O número de agências governamentais acessíveis *on-line* tem crescido. O Consulado Geral do México em Nova York e a embaixada mexicana em Londres criaram páginas da Web coloridas, oferecendo informação sobre os serviços governamentais e sobre o México, sem dúvida para compensar e contestar, pelo menos em parte, o fluxo maciço de informações negativas sobre as ações e a política do governo mexicano.

Essas páginas são dominadas, naturalmente, pela habitual propaganda governista (declarações de Zedillo e publicações de várias agências), material de relações públicas destinado a conduzir turistas e atrair investidores (lindas fotos, informação de viagem, receitas da cozinha mexicana, indicadores de sites da Web para negócios). É mínima a informação sobre a situação de Chiapas. Como a página do UK, de 1º de novembro, que tem quatro tópicos de uma circular: um contém um relatório de 11 linhas sobre o 3º *round* de negociações (junho de 95); outro que tem um relatório de oito linhas sobre o 4º *round* (julho de 95) - metade do qual dedicado a listar os supostos esforços por parte do governo para atender às necessidades dos pobres em Chiapas; e um terceiro, com 21 linhas, sobre as negociações em San Andres Larrainzar (outubro de 95) - com uma referência ao plebiscito do EZLN, que dá a impressão de que este teve origem na Alianza Cívica. Em setembro, a página do consulado de Nova York tinha apenas duas referências a Chiapas, uma sobre a Lei do Diálogo, a outra, uma declaração à imprensa da Secretaria de Gobernación. Quando no início de novembro, voltei a conferir, a Lei do Diálogo tinha sido retirada.

Não existem, é claro, indicadores diretos para a *homepage* EZLN, para Chiapas 95 e seus arquivos, ou para outras atividades oposicionistas no ciberespaço. Contudo, tendo criado uma conexão com o site da Web da Universidade de Guadalajara, a Embaixada de Londres tornou possível, para um pesquisador cuidadoso, lá encontrar um indicador para a página do EZLN. A página inglesa do UK inclui indicadores para o La Jornada e para a revista Proceso, ambos críticos do governo, mas numa página com um imenso volume de conexões da imprensa e sem indicar seus caracteres diferenciados.

Assim, no momento, a estratégia de propaganda pública do governo mexicano na Internet não é diferente da sua estratégia mais geral diante do EZLN: minimizando a atenção pública, procura criar uma ilusão de estabilidade e, ao mesmo tempo, maximizar as possibilidades de neutralização ou de supressão. Essa estratégia é conhecida e até aqui as tradicionalmente rígidas estruturas do PRI-partido-estado estão apenas reproduzindo seus velhos hábitos, nessa nova esfera. Como resultado, visitar tais *sites* patrocinados pelo governo é uma perda de tempo, se não um completo beco-sem-saída. E se, como resultado disso, os espaços oficiais na Net forem evitados e ignorados, sua utilidade política ficará reduzida. Evidentemente, o governo não foi capaz de conseguir nada parecido com uma presença ativa contrarrevolucionária na Net<sup>30</sup>. O mesmo pode ser dito, até onde posso ver, acerca de todos os governos, incluindo o dos Estados Unidos.

### **O estado da luta no ciberespaço e além**

Apesar das investidas dispersas, dos governos de vários países, a iniciativa nessa área ainda permanece quase inteiramente do lado daqueles que usam a Net para a divulgação da luta. Essas investidas, até agora pouco refinadas - batidas policiais e censura -, causaram poucos estragos nos incontáveis fluxos de informação e mobilização que continuam a entrecruzar o globo terrestre. A iniciativa capitalista mais eficiente no ciberespaço tem sido a da comercialização da Internet e uso das comunicações eletrônicas para organizar operações associadas transnacionais. Contudo, esses esforços não impedem diretamente os tipos de luta que venho descrevendo. De fato, se algo provocaram, foi maior organização internacional para fazer frente ao poder do capital multinacional. Similarmente, os esforços nos Estados Unidos para introduzir uma legislação que regule e controle os fluxos de informação provocaram ampla contra-organização e mobilização.

Observações semelhantes colocam frente a frente os zapatistas e o

<sup>30</sup> CSIS *onto Mexican Activists* newsgroup misc. activism, progressive 4 de maio de 1995.

movimento pró-democracia no México. Enquanto as corporações multinacionais têm se utilizado das redes eletrônicas atreladas à NAFTA para se reorganizarem contra os trabalhadores e consumidores americanos, o movimento anti-NAFTA e depois as redes de solidariedade zapatistas elaboraram extensas e eficientes redes próprias. A evidência disponível sugere que os esforços por parte do Estado, para agir contra essas redes dentro da Net, têm sido limitados e ineficientes<sup>31</sup>. A iniciativa continua nas mãos das redes de solidariedade provedoras dos zapatistas.

Não obstante, seria perigoso tornar-se complacente nessa situação. Só porque o Estado não encontrou métodos de contra-atacar essas lutas, não quer dizer que que não seja capaz de vir com táticas melhores no futuro. Verificamos que nossas lutas estão sendo observadas e estudadas pelos analistas e estrategistas do Estado e do capital, mais amplamente. Devemos continuar a monitorar o monitorar deles para ver para onde isso os está levando. Vimos que Arquilla e Ronfeldt sugeriram que o governo americano “deverá projetar novos tipos de unidades e capacitações militares para entrar na guerra de rede”. Estarão tais tipos de unidades e capacitações sendo criadas? Irão as forças armadas americanas, além dos cenários dos jogos de guerra eletrônicos, desenvolver os meios de penetrar, monitorar, interromper, enganar e dominar qualquer computador ou qualquer sistema de comunicação por qualquer período de tempo, idealmente sem ser detectado, como sugeriu um veterano da CIA?<sup>32</sup> Obviamente, é de nosso interesse tentar rastrear os esforços para criar tais capacidades.

Ao mesmo tempo, tais analistas percebem que a netguerra é bem

<sup>31</sup> A ocorrência das atuais lutas dentro do governo com respeito a sua atualização e modernização sem dúvida irá alterar sua capacidade de intervir na Net. Na medida em que Zedillo e outros reformadores obtiverem sucesso em desestruturar os velhos padrões do poder, poderão criar espaço para novas intervenções mais imaginativas nessa e em outras esferas.

<sup>32</sup> Infelizmente, os esforços fora da Net têm sido mais efetivos. O andamento acelerado do projeto e a NAFTA foram impulsionados, com sucesso, pelos governos da América do Norte e apesar dos esforços humanitários na Net e em outros lugares, o governo mexicano conseguiu, com êxito, manter os relatórios sobre sua campanha de terrorismo, em Chiapas, fora da mídia.

diferente das formas tradicionais tanto da luta de guerrilha quanto da guerra dos serviços de inteligência e contra-inteligência. Arquilla e Ronfeldt compreendem claramente que as lutas das extensivas organizações de base que estão acontecendo no ciberespaço (tais como os esforços pró-zapatistas) basicamente envolvem veiculação aberta e a discussão aberta de idéias políticas, notícias sobre os acontecimentos e relatórios detalhados sobre situações em andamento.

É evidente que qualquer tipo de resposta, politicamente eficiente, por parte do Estado, teria que ir além da interrupção disfarçada para uma intervenção aberta sofisticada. Embora isso ainda esteja por acontecer - de acordo com as aparências - dificilmente seria sem precedência. Na verdade, a época da Guerra Fria proporcionou ampla experiência de como um aparelho sofisticado de propaganda podia ser formado e manejado contra os inimigos ideológicos, tanto reais quanto imaginários. As operações camufladas dos agentes militares ou dos serviços de inteligência eram complementadas por uma guerra intelectual contra-revolucionária muito explícita e anti-comunista, em escala muito maior. Combater a onda de energia revolucionária que ferveu em movimentos anti-colonialistas e continuou em lutas anti-neocoloniais, e pró-liberação nacional, exigiu por parte do novo império americano do pós-guerra a formação de um novo corpo de elite na política exterior e um aparelho de pesquisa para fornecer-lhes informação e idéias<sup>33</sup>. Também foi necessária a criação de uma sofisticada máquina de propaganda, tanto pública (exemplo, a USIA) quanto privada (exemplo, comitês de especialistas e a mídia)<sup>34</sup>. Similarmente, no México, o PRI construiu, nessas últimas décadas, seus próprios aparelhos de guerra ideológica e controle de informação.

Enquanto o colapso da Guerra Fria e a desintegração das coalisões dominantes no México deixavam o conjunto dessas instituições numa certa desordem, elas continuavam seus trabalhos, embora talvez sem a mesma unidade e consistência de antes. Isso ficou claro na batalha sobre a NAFTA,

<sup>33</sup> Major Robert Davia Steele (USMCR), "The Transformation of War and the Future of the Corps", liberado para publicação em 28 de abril de 1992. («[hyperlink http://gopher.well.sf.ca.us:70/0/Military/4\\_warriors](http://gopher.well.sf.ca.us:70/0/Military/4_warriors) »).

<sup>34</sup> Sobre a criação das elites pós-Segunda Guerra Mundial e seus aparelhos de pesquisa ver: David Horowitz, "Billion Dollar Brain and Sinews of Empire" in: *Ramparts*, 8, 1969, pp. 33-41.

onde tanto o capital americano quanto o mexicano foi capaz de acionar grupos de apologistas para tentar controlar o debate. Também é verdade no que diz respeito aos zapatistas - mas com menos sucesso.

As diferenças nas duas situações são dignas de nota. No caso da batalha da NAFTA, o capital tinha a iniciativa e os duzentos anos de argumentos do livre-comércio à disposição. As redes anti-NAFTA foram obrigadas a criar, virtualmente a partir do nada, um conjunto de argumentos e uma massa de informação para contra-atacar aquela iniciativa. Que tivessem perdido, não foi surpresa; e que o próximo *round* da batalha será num terreno mais nivelado, é certo. No caso dos zapatistas, os camponeses de Chiapas e seus simpatizantes tiveram a iniciativa, primeiro no chão, depois no mundo das idéias. Impotente para encaixar os zapatistas, sua organização e suas idéias em embalagens conhecidas, o Estado mexicano vem agredindo em torno, defensivamente, e perdendo. Sua campanha de guerra de baixa intensidade (terrorismo) pode empurrar muitos para a submissão em Chiapas, mas continua a perder a batalha maior sobre o futuro do México. Seu fracasso em desabilitar os zapatistas na apresentação de argumentos contra o *status quo* forçou-o a ceder mais terreno, se não para os zapatistas, diretamente para o movimento de reforma democrática, que empunhou sua bandeira.

A essa altura, o próprio movimento de reforma é provavelmente o ponto-chave da luta entre os zapatistas e o capital. As forças dentro do movimento, pressionando para os zapatistas se converterem de força revolucionária que são, em mais um partido político tradicional, podem ser vistas como a corporificação da tradicional estratégia de cooptação (repressão via assimilação) do Estado mexicano<sup>35</sup>. Como o trabalho conjunto de Ronfeldt e Thorup sugere, a conversão dos zapatistas em partido político talvez nem seja necessária, para neutralizá-los. Talvez seja suficiente apenas convertê-los em mais uma organização independente, entre outras, numa sociedade civil domesticada e neutralizada.

Num certo nível, as forças que pressionam para essas soluções não-revolucionárias já estão presentes no terreno do ciberespaço. Muitas ainda não se tornaram participantes ativas, mas suas vozes são ouvidas regularmente

<sup>35</sup> Sobre o caráter e operação da máquina de propaganda da pós-Segunda Guerra Mundial ver Noam Chomsky, "Foreign Policy and the Intelligentsia", em Noam Chomsky, *Towards a New Cold War*, Nova York: Pantheon Books, 1982.

através de artigos, tirados das batalhas políticas na imprensa escrita mexicana. Com o PRI e seu governo oficial em crescente descrédito, parece que a principal ameaça ao desenvolvimento da luta zapatista, e à elaboração de suas idéias para uma mudança real, irá sair das fileiras de tais reformadores.

O que tudo isso quer dizer é que, na medida em que as lutas na Net mudaram de mobilização contra a repressão militar para a divulgação das idéias zapatistas, e para a discussão de suas visões políticas e programas, os conflitos nesse sistema eletrônico de conexões irão assumir, de forma crescente, toda a complexidade da crise política, econômica e social mais generalizada do México.

A futura elaboração de redes não-controláveis, interligadas e flexíveis terá que acontecer nesses crescentes níveis de complexidade. Embora a experiência da revolta zapatista possa nos ensinar sobre a maneira como grupos autônomos, porém ligados, organizados rizomaticamente, podem substituir a organização, com sua rigidez e hierarquias, ainda temos que vencer a dificuldade de criar e recriar conexões efetivas, ao longo de um número crescente de dimensões e direções do movimento<sup>36</sup>.

O padrão rizomático<sup>37</sup> de colaboração emergiu como uma solução parcial para a falência das velhas formas organizacionais; não tem - por definição - uma fórmula única para orientar sobre os tipos de elaboração que requer. O poder da Net na luta zapatista brotou da conexão e da circulação, e da maneira pela qual os amplamente dispersos nódulos de antagonismo se acionaram em resposta à revolta de Chiapas.

Os limites de tal poder residem tanto nos limites do alcance da Net (que, como já vimos, não conecta todo o mundo) quanto nos tipos de conexão estabelecida. Já existe uma enorme quantidade de informação, na Net, a respeito de todos os tipos de luta, que ainda não foi conectada, nem com os zapatistas, nem entre elas mesmas. A disponibilidade de informação e o veículo da

<sup>36</sup> Todavia, essa corporificação moderna deve ser vista como um sinal de fraqueza do PRI. Em outros tempos teria aniquilado ou absorvido a oposição em sua própria organização.

<sup>37</sup> O termo rizomático é tirado do ensaio de Gilles Deleuze e Felix Guattari sobre *Le Rhisome* que aparece em seu trabalho conjunto *Thousand Plateaus*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987. Nesse ensaio imaginativo, eles pensam através da metáfora do rizoma, como um novo modo de conceituar redes de relacionamentos horizontais e não-hierárquicas.

informação não garantem que a conexão vá ser feita, nem se será efetiva na geração de ação complementar. Mesmo os analistas políticos, totalmente capazes de acessar todas as fontes de informação sobre as lutas sociais disponíveis na Net, estão normalmente oprimidos pelo volume de informação desviante. Na medida em que a Net cresce, e à medida em que cresce também o número de grupos envolvidos na luta, capazes e desejosos de usá-la, esse problema crescerá rapidamente. Já vimos como a Net ajuda a superar o isolamento e a divisão. Pode acelerar dramaticamente a veiculação da luta. Contudo, porque o número de divisões é tão grande e os pontos de isolamento tão numerosos, é evidente que nenhum indivíduo, nem grupo, consegue captar o todo em seus pormenores.

Os que pretenderam governar de há muito reconheceram esse problema. Arquilla e Ronfeldt pensam em termos da relação entre hierarquias e redes. Nossa visão preliminar é de que o benefícios da descentralização podem ser alcançados se, para compensar a perda da centralização, o alto comando ganhar uma visão panorâmica... a visão do conflito global. Aqueles de nós empenhados em desenvolver novas formas de relacionamentos democráticos sociais de-veríamos apenas tentar solucionar esse problema num sentido limitado. Devemos abandonar a perspectiva do comando e do controle, em favor da consulta e da coordenação. O problema, portanto, não é o da substituição por um alto comando melhor, mas criar um mundo sem nenhum tipo de comando. Tal mundo teria muitos pontos de vista diferentes do todo, e estaria envolvido em diálogos sem fim sobre sua natureza, mas sem o objetivo do controle. Se as redes cooperativas dos povos indígenas têm demonstrado a possibilidade de um tal mundo, a contínua invenção da Net tem demonstrado como o nervo, ou fibra nervosa comunicativa, de tal mundo pode funcionar. Assim, os problemas em Chiapas e na Internet são similares: como continuar a elaboração de novos tipos de cooperação e auto-determinação e, ao mesmo tempo, impedir a imposição de um controle monopolístico centralizado.

Tradução Vera Lúcia Sodré

**Harry Cleaver:** e-mail:hmcleave@eco.utexas.edu; homepage:<http://www.eco.utexas.edu:80/Homepages/Faculty/Cleaver/index.html>

**Chiapas homepage:** <http://www.eco.utexas.edu/faculty/Cleaver/chiapas95.html>

■.....Harry Cleaver é professor do Departamento de Economia da Universidade do Texas (Austin), EUA.